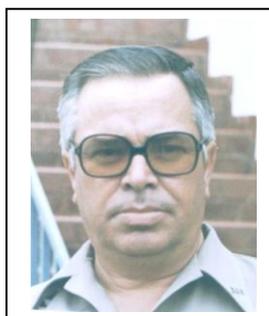


FHE **POUPEX**

O FORTE DE SÃO MARTINHO-UMA CONTROVÉRSIA.



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e emérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e correspondente da Academias de História de Portugal, Espanha, Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai. Integrou a Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Ceará, Mota Grosso do Sul etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale-paraibanos IEV no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Coursou a ECEME 1967/1969. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões a propósito dos centenários de morte do General Osório, Marques do Herval e do Duque e Duque de Caxias. Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985/1990. E correspondente dos CIPEL, IHGRGS, Academia Sul Rio Grandense de Letras e Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas. É sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Foi Diretor Cultural e da Revista do Clube Militar no seu Centenário em 1987. Possui o Curso de Analista A da Escola Nacional de Informações em 1975. É Comendador do Mérito Militar e possui 5 prêmios Literários. Ecreveu a História do Exército no Rio Grande do Sul composto de 21 volumes.

ARTIGO DO AUTOR DIGITALIZADO PARA DISPONIBILIZÁ-LO NO SITE DA FAHIMTB WWW.AHIMTB.ORG.BR EM LIVROS E PLAQUETAS E CÓPIA IMPRESSA NO ACERVO DA FAHIMTB DOADO A AMAN EM BOLETIM ESPECIAL 002 DE 17 NOV 2004 E INTEGRADO AO PERGAMUM DE BIBLIOTECAS DO EXÉRCITO

O FORTE DE SÃO MARTINHO- UMA CONTROVÉRSIA

- Venho solicitar de V. S^a acolhida para os seguintes reparos a propósito de artigos publicados sobre o transcurso do que seria o 2º centenário da tomada do Forte de São Martinho, por Rafael Pinto Bandeira.

Em artigos publicados em “Letras em Marcha” (ano TV, nº 49 novembro de 1975), no “Diário de Notícias”, dessa capital (edição de 23.11.1975), o Sr. Te. Cel. Eng. QEMA Cláudio Moreira Bento, sob o título “O Bicentenário da Conquista do Forte de São Martinho”, afirmou ter sido esse feito realizado pelo bravo fronteiro Rafael Pinto Bandeira em 31 de dezembro de 1775, embora a introdução dos artigos registre 31 de outubro.

Em primeiro lugar lamentável engano de parte do signatário dos referidos artigos porque o feito aconteceu na madrugada de 31 de outubro, havendo dúvidas quanto ao ano, se foi em 1775 ou 1776, e não em 31 de dezembro.

Abona a data de 31.10.1975 Alcidez Cruz (Vida de Rafael Pinto Bandeira. Porto Alegre, 1906, p. 64). O ilustre historiador Guilhermino César refere-se a outubro de 1775 (História do Rio Grande do Sul – Período Colonial, Porto Alegre, 1970, p. 190).

Mais avolumado é o número dos historiadores que fixam em 31 de outubro de 1776, e não 1775, a data do acontecimento, como Coruja Filho, pseudônimo do dr. Sebastião Leão (Datas Rio Grandenses. Introdução e notas de Walter Spalding, Divisão de Cultura da SEC, sem data, p. 356), o Barão do Rio Branco (Efemérides Brasileiras, Ministério das Relações Exteriores, sem data, p. 510, com prefácio do abalizado historiador Rodolfo Garcia, o Visconde de São Leopoldo, José Feliciano Fernandes Pinheiro (Anais a Província de São Pedro, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1946, p. 125), o ten. Cel. De Rio Prado, Biblioteca do Exército, vol. 204, Rio de Janeiro, 1954, p. 138), o gen. Rinaldo Câmara, em trabalhos dedicados à memória do seu ilustre antepassado Visconde de Pelotas.

Na minha Cronologia Histórica da Santa Maria e do Extinto Município de São Martinho, publicada em 1958, também registrei 31 de outubro de 1776.

Seja como for, não foi a 31 de dezembro a tomada do forte de São Martinho, simples tranqueira ou trincheira, da qual existe um croqui na correspondência do brig. João Henrique de Bohm, recolhida a Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, e enumerado como entrincheiramento, com o nome de Santa Maria, não sei por qual razão, pelo cel Anibal Barreto (Fortificações do Brasil, Biblioteca do Exército, vol. 250-251, Rio de Janeiro, 1958 p. 291). Tenho procurado em vão encontrar vestígios da Trincheira de São Martinho, como é chamada no esboço da citada correspondência de Bohn. No Arquivo Nacional também existe um esboço da mesma

fortificação , que é chamada de trincheira. Quando o ano, é ponto discutível.

É de lamentar-se que o ten. Cel. Bueno não tenha citado a fonte bibliográfica em que colheu as informações para o seu excelente trabalho, ressalvado o reparo aqui feito, para o interessante cotejo de informes.

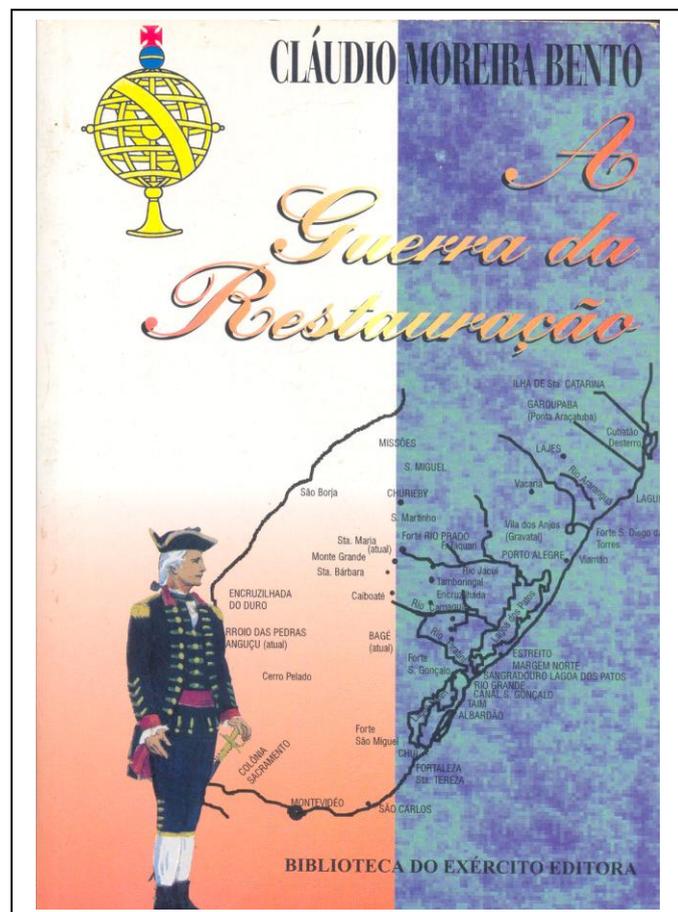
Aproveito a oportunidade para um reparo ao artigo de Atalibio de Oliveira aparecido em “A razão”, aludindo às comemorações preparadas para 1976, por motivo de transcurso do bicentenário de fundação de São Martinho. Deve haver outro engano, porque se houve assalto e arrasamento da Trincheira de São Martinho em 31 de outubro de 1775 ou 1776, é sinal da existência de um povoamento, militar ou civil. Não se pode comemorar a fundação daquilo que está sendo destruído. Não se conhece a data exata da Fundação de São Martinho, mas é bem anterior a 1776, quando se chamava Guarda Espanhola de São Martinho do Monte Grande. E, por falar em monte, a que também alude o ten. Cel. Bueno, essa palavra designa, em espanhol, “grande elevación natural de terreno” e “tierra inculta cubierta de árboles, arbustos e matas” (ef. Dicionário Manual e Ilustrado de La Lengua Española, Espasa-Calpe S.A., Madrid, 1950, verbete “monte”). Está certo Santa Maria da Boca Monte.

Prof. Romeu Beltrão

Santa Maria, RS

Respondi a censura improcedente e descabida pelo Correio do Povo e a réplica tentada pelo Correio do Povo não foi aceita e ele continuou pela A Razão de Santa Maria. E eu estava certo contrário a opinião de todos os historiadores em o Sr Romeu Beltrão se apoiou. Pois neste tempo tinha me aprofundado no tema e ate sugerido ao IGHMB e ao IHGB General Jonas Correia e Pedro Calmon que provossem um Simposio sobre a Reconquista do Rio Grande do Sul aos espanhóis. Nome que o mestre Pedro Calmon preferiu de Guerra de Restauração do Rio Grande e o simpósio foi realizado e nele publicada minha conferência e mais tarde ampliada em meu a Guerra da Restauração do Rio Grande. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1969, hoje disponível em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br no mqual me basei no relatório m Frances do General Bohn ao vice rei , documentos que me foram traduzidos pelo Cel Prof de Português Nei Paulo Panizzutti , de mina turma na Escola Preparatória de Cadetes e de minha Turma Aspirante Francisco Mega na Academia Militar das Agulhas Negras da qual em 1978-1980 eu era instrutor de História Militar e ele Professor de Português e como eu também historiador de Resende-RJ e acadêmico das Academias Resendense de História (ARDHIS) e da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil por nós fundada e presidida. Esta abaixo é a capa do livro um dos mais

importantes e originais de minha autoria e que vale apenas se lido por vser tratar de assunto muito pouco conhecido em detalhes pela historiografia brasileira,



Se coloque o leitor e pesquisador interessados para julgar eticamente a atitude do reclamante que sem me conhecer me tratar como se fora um moleque aventureiro. E ele recebeu a minha firme resposta pelo Correio do Povo ao mostrar-lhe que ele e que elaborara em equivoco, Mas não o tratei com desrespeito como ele me tratou conforme ele escreveu na Coluna do Leitor do Correio do Povo. Ja enfrentei longa reação mal educada ao afirmar e comprovar que a sede da Real Feitoria do Linho cânhamo do Rincão do Canguçu 1783-1789 ter funcionado em Canguçu-Velho em Canguçu e não na ilha da Feitoria , até ser minha tese aprovada por unanimidade pelo Cultura do Rio Grande do Sul .E meu ultimo livro sobre a assunto esta disponível para ser baixado ao final de Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br